



JULIÃO, J. N. **Para ler o Zaratustra de Nietzsche**. Barueri: Manole, 2012. (Coleção Filosofia em Pílulas).

Flavio Sousa

Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: flavio_fsousa@hotmail.com

Em *Para ler o Zaratustra de Nietzsche*, publicado recentemente pela editora Manole, Nicolao Julião apresenta um profícuo estudo sobre a obra capital de Nietzsche, de modo que visa tanto preparar o leitor para a compreensão de *Assim falou Zaratustra*, quanto oferecer um importante levantamento bibliográfico para os pesquisadores da filosofia de Nietzsche.

A obra é composta de uma introdução e três capítulos. Na *introdução* Julião apresenta a problemática central do seu trabalho, que é a tarefa de oferecer aos estudiosos uma chave de leitura do *Zaratustra* de Nietzsche, se apoiando na questão do “ensino da superação”; no *primeiro capítulo*, ele elabora uma breve inventário da obra de Nietzsche, no qual situa o *Zaratustra*; já no *segundo*, parte trata da questão da fundamentação, em que se evidencia o desafio do personagem Zaratustra para tornar-se o que se é, em um mundo sem critérios sólidos, constituído de múltiplas contradições; no *terceiro*, apresenta uma proposta de leitura para o *Zaratustra*, valorizando o ensinamento da superação (Überwindung) como tema central da obra.

De início, a preocupação de Julião é advertir que a obra-prima de Nietzsche se inscreve numa dupla tradição, tanto filosófica quanto poética. É

bem verdade que Nietzsche reivindica para o *Zaratustra* um reconhecimento filosófico para dissipar o preconceito acadêmico que negava-lhe o *status* filosófico em nome de um pretensamente simples *status* poético. Para além desse preconceito, Julião afirma que o *Zaratustra* é filosofia de um poeta e poesia de um filósofo. Filosofia e poesia, ambos os modos se expressam na obra de Nietzsche de modo geral, sendo essa peculiaridade estilística o que particularmente mais chama atenção em *Zaratustra*.

O inventário apresentado por Julião tem o propósito de situar o *Zaratustra* no conjunto da filosofia nietzschiana e também de apresentar traços de sua gênese, influências e estilo, destacando o sentido histórico da humanidade como a noção predominante de seu pensamento na época da composição do *Zaratustra*. Segundo o autor, o *Zaratustra* nasceu das reflexões de Nietzsche enquanto escrevia *A gaia Ciência*, com uma preocupação acerca da história e da sua falta de sentido, motivo pelo qual o personagem Zaratustra se apresenta como o vislumbrador e indicador de um futuro para a história humana.

Não é raro encontrar certa dificuldade quando se busca definir ou estabelecer as fontes e o estilo que Nietzsche empreende no *Zaratustra*. O que se sabe é que as fontes das quais o filósofo alemão extraiu o título de sua obra não são precisas, “assim como são precárias também as fontes e influências apontadas pelos comentadores, em razão, sobretudo, do grande número de suposições levantadas, em consequência da diversidade de fontes experimentadas por Nietzsche” (p. 09). Entretanto, é seguro afirmar que na época da composição do *Zaratustra* o pensador tinha como leitura fundamental escritos de ciências naturais e filosofia positiva (Robert Mayer, Dühring, Darwin, Spir, Boscovich, além de Spinoza). Além disso, existem comentadores que ressaltam “a influência de Heráclito na elaboração do *Zaratustra*, tanto na constituição conceitual (p. ex. o eterno retorno) quanto na forma utilizada (p. ex., na expressão “assim falou”, que era utilizada pelos pré-socráticos nos seus escritos)” (p. 09). De maneira semelhante, destaca-se também a influência bíblica em diversas passagens da obra, nas quais Nietzsche parodia os textos sagrados.

Quanto ao estilo, sem perder de vista o seu caráter de um *livro sagrado*, o *Zaratustra* já foi chamado de “romance de formação”, tendo em vista o fato de propor um percurso do conhecimento na direção do desconhecido, apresentando-se, assim, em última instância, como um “poema didático”. Há, ainda quem o destaque por sua arquetônica, composta ao estilo de uma

sinfonia clássica, sendo que o próprio Nietzsche o define, em carta para o editor Ernest Schmeitzner de 13 de fevereiro de 1883, como “um ‘poema’ ou um quinto ‘evangelho’ ou algo ainda sem nome...”.

Segundo Julião, “todos esses estilos e fontes evidenciam um aspecto importante na composição do *Zarathustra*, a saber, trata-se de uma obra perspectivista, na qual Nietzsche experimenta vários estilos e fontes na elaboração de suas fabulosas doutrinas” (p. 14). Por isso, é cabível a afirmação de que se trata de uma sinfonia, caso se leve em conta a forma sonora e rítmica da obra; ou de um poema, caso se considere a composição estética como um todo; ou, ainda, de um escrito sagrado, caso se coloque em relevo o combate empreendido no livro contra a tradição religiosa.

Múltiplas caracterizações também constituem a figura dramática de Zarathustra. Quem é ele? Seria um poeta, um profeta, um mestre, um fundador de religiões, um moralista, um médico, um legislador, um homem de Estado ou um sedutor? É certo, que no pensamento de Nietzsche, Zarathustra representa “um novo tipo de existência, no qual todas as oposições são administradas dentro de uma nova unidade: é o tipo dionisíaco, constituído de um grau de afirmação jamais visto e que se opõe ao espírito negativo” (p. 22). Por isso, ele é também aquele que suporta o mais pesado dos pesos, o eterno retorno, tendo a tarefa de transformá-lo em espírito de leveza, numa forma de afirmação da existência em sua totalidade.

Segundo Julião, “o tipo alegre que Zarathustra representa é sério e lúdico ao mesmo tempo; ele brinca inocentemente, ele é contido, mas transbordante e abundante de potência” (p. 23). Ele brinca com todas as coisas que até então eram consideradas boas, sagradas e sérias, porém, representa uma nova fase no destino da humanidade e do espírito. De fato, ele parece ser ambos: super-homem, por ser vigoroso, corajoso e benevolente em relação à covardia e fraqueza da humanidade presente. E inumano, no sentido do tratamento paródico e irônico com que fustiga tudo aquilo que a tradição considera sério, sagrado e importante.

É importante salientar também o modo como Zarathustra relata seu ensinamento aos homens, que é tão importante quanto à mensagem que ele comunica. Ele é o educador que desce para junto dos homens para ensiná-los a superar a si mesmos. No entanto, não pretende erigir um novo Deus ou fundar uma nova religião, tampouco pretende fazer discípulos. Pelo contrário, ele exorta seus seguidores a renegá-lo e procurar a si mesmos em seus próprios caminhos. Zarathustra, segundo Julião é o indicador de um novo

sentido histórico para a humanidade, e “esse novo sentido é o sentido da Terra, é o super-homem” (p. 25). Esse seria, destaca o autor, um dos pontos cruciais do ensinamento de Zaratustra, uma preocupação com o problema da história e com o destino da humanidade.

Ainda nesse tópico, Julião defende a tese de que o *Zaratustra* constitui a obra principal de Nietzsche, sendo que após ela seu pensamento apresentaria poucos avanços em relação à elaboração de novos conceitos que explicitassem de forma mais definida a sua filosofia. Isso se confirmaria pelo fato de que “nas obras pós-*Zaratustra*, Nietzsche muitas vezes o exalta como o ponto alto de seu pensamento e também do pensamento da humanidade” (p. 41). Essas obras, portanto, serviriam sempre como esclarecimento ao *Zaratustra* e culminariam com sua apologia.

O segundo capítulo é marcado pela importância que Nicolao Julião concede à questão dos antagonismos na filosofia de Nietzsche, isto é, das contradições presentes no ensinamento da superação em *Zaratustra*. Segundo o autor, o ensinamento do personagem sobre a superação mostra que a contradição, como impulsionador de todo o existente não deve ser dissolvida ou eliminada – tal como deseja a tradição filosófica que busca a verdade em um mundo que não se contradiz, imóvel e ideal, ao custo de paralisar o próprio devir. A superação, portanto, deve ser vista como inconclusa, pois ela reiteradamente eleva e intensifica todo o existente. Segundo o autor, “o princípio de superação, para Nietzsche, como processo contínuo de contradições, é o que eleva não só o homem, mas todo o existente, já que todas as coisas fazem tudo, não para se conservarem, mas para se superarem” (p. 51).

A contradição no *Zaratustra* e na obra de Nietzsche em geral, não poderia, então, ser tomada como um impedimento para o aprendizado. Ela deve ser, antes, compreendida como um recurso utilizado pelo filósofo para a explicitação de suas ideias, em especial quando as categorias herdadas da tradição filosófica não são suficientes ou nem se apresentam mais, pois o Deus que garantia, em última instância, todo fundamento morreu, restando a impossibilidade de se estabelecer verdades últimas acerca do mundo e da realidade. Longe da necessidade de tais fundamentos, contudo, o caráter multifacetado e contraditório da efetividade não é um empecilho na trama do *Zaratustra*. Antes, segundo o autor, a importância da contradição pode ser observada “tanto na elaboração dos principais conceitos quanto no encadeamento da trama em *Zaratustra*”. Ou seja, é possível afirmar que

a contradição atua nas figuras e nos discursos de Zaratustra como um recurso que possibilita a Nietzsche escapar de uma filosofia dogmática, de fins alcançáveis com base em certos pressupostos que funcionam como fundamento, e que lhe permite criar uma filosofia da superação e da atossuperação.

No terceiro e último capítulo, Nicolao Julião apresenta aquele que pode ser considerado o seu principal argumento interpretativo. Segundo ele, o ensinamento da superação é o *leitmotiv*, ou seja, é aquilo que impulsiona tanto a ação dramática de Zaratustra em vista do tornar-se o que se é, quanto a elaboração e articulação dos seus principais conceitos. Para isso o autor considera a relação orgânica que há entre superação e contradição, enfatizando, sobretudo, o antagonismo superação-conservação no interior da trama, difundido, segundo ele, em todas as partes da obra.

Segundo Julião, o ensinamento da superação em Nietzsche “aparece em oposição ao princípio de conservação” (p. 80), que estaria presente de forma predominante na tradição filosófica uma vez que “o valor das verdades metafísicas e científicas está fundamentado em um fim utilitário” (p. 80), tendo validade somente na medida em que seriam úteis para a conservação da vida e não a sua superação. Em oposição a tais filosofias, a ideia de superação se apresentaria como um contra-argumento, colocando em relevo especialmente o caráter dinâmico da vida, as tensões que são próprias a ela e que são indispensáveis caso se tenha no horizonte a sua intensificação.

Conforme argumenta Julião, em Nietzsche o tema da superação tem duplo sentido: o primeiro, como uso da expressão “superação da metafísica”, a qual teria um sentido histórico e filogenético, implicando uma crítica ou oposição à tradição do pensamento ocidental; e, o segundo, como consequência do primeiro, apareceria como uma transposição de obstáculos, num processo performático-pedagógico da formação do caráter de um indivíduo, que implica oposição ao princípio de conservação como sendo a meta da existência. Concebido de tal modo, o princípio de superação funcionaria como um ensinamento que educa o indivíduo, ajudando-o a tornar-se o que se é, superando em si tudo o que há de “humano, demasiadamente humano”, constituindo, assim, a sua identidade individual. É dando mais ênfase ao segundo sentido, sem negligenciar o primeiro, que Nicolao Julião analisa o desdobramento do ensinamento da superação em *Assim falou Zaratustra*.

Na verdade, os dois significados de superação estão intimamente conectados entre si. Porque para Nietzsche, a história da cultura ocidental seria decadente em razão do seu pensamento metafísico que se enraizou nela e conduziu o seu sentido histórico, gerando, assim, uma ilusão, um não sentido que se manifestou no período moderno como niilismo. Segundo Julião, para que “Nietzsche efetive o seu antigo projeto pedagógico de constituição do tipo mais elevado, que, em *Zaratustra*, ele expressou como o conceito, nomeadamente, de super-homem (*der Übermensch*), é necessária a superação do homem moderno, o último homem” (p. 83), produto de uma cultura decadente e niilista. Para sair desse estado niilista *Zaratustra* ensina o caminho próprio da superação “que tem o super-homem como autêntico sentido” (p. 84).

Por fim, desde a publicação da obra *Zaratustra*, não foram poucas as tentativas de torná-la mais clara e muitos foram os que abraçaram essa tarefa. No caso peculiar de Nicolao Julião, um dos maiores conhecedores dessa obra no Brasil, seu mérito consiste em oferecer uma interpretação sutil e refinada do *Zaratustra* ao mesmo tempo em que a apresenta ao grande público mostrando um caminho claro para a sua leitura e compreensão.

Recebido: 20/12/2012

Received: 12/20/2012

Aprovado: 22/02/2013

Approved: 02/22/2013